



DAS RODAS DE CONVERSA AO DESENHO INFANTIL: A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO PRÁTICA TESTEMUNHAL DAS NARRATIVAS GRÁFICAS E ORAIS COM CRIANÇAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM FORTALEZA-CE

From conversation circles to children's drawing: pedagogical documentation as a testimonial practice of graphic and oral narratives with children in a public school in Fortaleza-CE

Janice Débora de Alencar Batista **ARAÚJO**
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Brasil
janicedebora7@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5454-8563> 

Leandro da Silva Pereira **JUNIOR**
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Brasil
leandrospj@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2531-0545> 

Luciane Germano **GOLDBERG**
Departamento de Teoria e Prática do Ensino
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Brasil
lucianegoldberg@ufc.br
<https://orcid.org/0000-0002-4140-3864> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

O artigo traz reflexões sobre a documentação pedagógica na Pré-Escola com crianças de quatro anos em uma escola pública em Fortaleza (CE), tendo um professor/pesquisador como regente. Afirma a potência das narrativas gráficas e orais expressas em roda de conversa, dialogando com autores que refletem sobre esses temas, abordando a documentação pedagógica como prática testemunhal do vivido na educação infantil. As crianças, sujeitos participativos e narradores, comunicaram ideias e pensamentos sobre a quadra chuvosa, criando teorias e hipóteses e trazendo outros elementos, como os sonhos e os medos em suas representações encharcadas de memórias, histórias e afetividades. A documentação pedagógica possibilitou tornar suas narrativas visíveis, retroalimentando o processo de escuta, experiência e reflexão, acessando os saberes e os pensamentos potentes da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho Infantil. Documentação Pedagógica. Roda de Conversa. Crianças.

ABSTRACT

The article presents reflections on pedagogical documentation in Pre-School with four-year-old children in a public school in Fortaleza (CE), with a teacher/researcher as the leader. It asserts the power of graphic and oral narratives expressed in group discussions, engaging with authors who reflect on these themes, addressing pedagogical documentation as a testimonial practice of lived experiences in early childhood education. The children, active participants and narrators, conveyed ideas and thoughts about the rainy season, creating theories and hypotheses, and bringing in other elements such as dreams and fears in their representations imbued with memories, stories, and affections. Pedagogical documentation made it possible to make their narratives visible, nourishing the process of listening, experience, and reflection, accessing the powerful knowledge and thoughts of childhood.

KEYWORDS: Childhood Drawing. Pedagogical Documentation. Group Discussions. Children.

A POTÊNCIA INFANTIL EXPRESSA EM NARRATIVAS E NO DESENHO INFANTIL

O presente artigo, resultante de reflexões a partir da documentação pedagógica na pré-escola, propõe afirmar a potência do desenho infantil e das narrativas orais expressas em roda de conversa, viabilizando os sentidos que as crianças atribuem ao medo, por meio da linguagem do desenho. As crianças que inspiram nossas reflexões e prática pedagógica têm quatro anos e são pertencentes a uma instituição pública, localizada no município de Fortaleza, Ceará. Os desenhos foram organizados de modo a compor uma documentação pedagógica e visibilizar o pensamento e a expressão criadora das crianças.

Assim, a linguagem do desenho apresenta-se como caminho que viabiliza a significação e a expressão das crianças de forma legítima e sensível (DERDYK, 2015), as quais foram experienciadas e inspiradas pelo diálogo motivado na roda de conversa, um momento importante e vivenciado no cotidiano da educação infantil, pontuado como um dos tempos permanentes que as crianças possuem o direito de ter em suas rotinas, no caso deste texto, na pré-escola (FORTALEZA, 2020).

Neste artigo, abordamos como foi proposta a experiência e construída a documentação pedagógica (RINALDI, 2014; DAHLBERG, 2016; VECCHI, 2017; FOCHI, 2019), dialogando com autores que estudam e escrevem sobre a roda de conversa (MELLO; FREIRE, 1986; FREIRE, 1983; DE ANGELO, 2011; ALESSI, 2011; OLIVEIRA, 2015; ARAÚJO, 2017) e o desenho infantil (ALBANO, 2013; DERDYK, 2014; VIGOTSKI, 2018), trazendo a importância desse momento e dessa linguagem para as crianças. Apresentamos, também, desenhos e falas dos meninos e meninas que surgiram a partir da roda de conversa.

Discutimos, ainda, sobre a relevância e o papel da documentação pedagógica para o(a) professor(a), pois esta pode ser: 1) um instrumento que auxilia e contribui para a sua prática pedagógica; 2) um meio que possibilita o exercício da escuta ativa e a visibilidade dos processos de ensino-aprendizagem construídos pelas e com as crianças; e 3) um caminho que oportuniza a pesquisa e a constante reflexão sobre os sujeitos, os espaços, os materiais usados e os significados criados no contexto escolar, relacionados ao processo de construção do conhecimento e de acesso à cultura (DAHLBERG, 2016).

Desse modo, poderemos traçar um diálogo entre o ser docente, o ser criança e o cotidiano da escola, problematizando e analisando caminhos que trazem divergências e convergências, encontros e desencontros, auxiliando-nos a encontrar trilhas que, de

fato, valorizem as diferentes infâncias e contribuam para um conhecimento praxiológico¹ sensível, efetivo e afetivo do(a) professor(a) (FOCHI, 2018a).

É NA RODA ONDE TUDO COMEÇA... A NARRATIVA DAS CRIANÇAS EXPRESSA POR MEIO DO DESENHO

As experiências e as documentações pedagógicas aqui refletidas ocorreram no agrupamento infantil quatro, composto por dezoito crianças, no turno da manhã, no ano de 2020, antes do período pandêmico² (entre janeiro, fevereiro e início de março do referido ano), vivenciadas por um professor pesquisador da educação infantil sobre sua própria prática pedagógica.

Assim, no início desse ano, trabalhamos com experiências que despertassem e provocassem, esteticamente e sensivelmente, os interesses e as necessidades das crianças, dando a elas subsídios para conhecer, adentrar e entender as tramas relacionais, singulares e coletivas da nossa turma, aproveitando nosso espaço-tempo da educação infantil e observando possíveis caminhos que nasciam de enunciações feitas pelas meninas e pelos meninos do grupo, proporcionando-nos trilhar ações significativas com todos.

Dessa maneira, foi possível nos comunicarmos como grupo, entre adulto-criança e criança-criança, por meio de uma escuta sensível oportunizada nos momentos das rodas de conversas, pois, nessas ocasiões, de forma plural, acompanhamos nesse espaço/tempo as narrativas, hipóteses e interesses das crianças.

Inspirados na experiência das autoras Mello e Freire (1986), sobre e na roda de conversa, estas nos dizem que esse momento possibilita “o encontro, a troca, o falar, o ouvir”, e a construção identitária e afetiva dos(as) professores(as) e do grupo de crianças, proporcionando, “o encontro que gera conhecimento da criança com a criança,

¹ De acordo com os estudos de Fochi (2019a, 2019b), o conhecimento praxiológico não se trata de uma descrição da prática nem da aplicação de uma teoria, mas da elaboração de um conhecimento pedagógico que emerge junto aos práticos e que se sustenta em um quadro teórico para responder à complexidade da transformação da prática educativa cotidiana. A documentação pedagógica, constitui-se uma estratégia para a construção e explicitação de um conhecimento praxiológico e de testemunho ético, cultural e pedagógico no cotidiano e das aprendizagens das crianças.

² Esse período foi extremamente desafiador e doloroso para crianças, famílias e professores(as), necessitando que as práticas pedagógicas fossem ressignificadas a partir de outras formas de ser, interagir, educar e ser docente. É importante ressaltar que a pandemia desnudou/expôs ainda mais a grande desigualdade social a que são acometidas as crianças e suas diferentes infâncias nesse imenso Brasil. Para agravar a situação, vivemos momentos de isolamento social, desinformação, negação da ciência e a espera por vacina e sua distribuição de maneira democrática.

da criança com ela mesma, da professora com as crianças, da professora com cada criança e dela (professora) com ela mesma” (MELLO; FREIRE, 1986, p. 103).

No início da década de 1980, Freire (1983) já indicava a importância dos registros cotidianos, das experiências e conversas com as crianças. Ainda segundo a autora, é com a conversa na roda que tudo começa³... reportando-se aos conhecimentos, narrativas e dizeres que as crianças e professores(as) apresentam na roda de conversa.

De acordo com Araújo (2017), a roda de conversa é uma prática cotidiana vivenciada nas instituições de educação infantil, na qual as crianças conversam, dialogam, falam sobre suas curiosidades, narram suas histórias cotidianas. Lugar de encontro e um dos momentos, entre tantos outros, que precisam ser garantidos às crianças, no cotidiano, para vivenciar os direitos de participar, expressar, conviver, explorar, comunicar e conhecer-se.

Pesquisas que tiveram como temática a Roda de Conversa, tais como as de De Angelo (2011), Alessi (2011), Oliveira (2015), revelaram as potencialidades desse momento como lugar de participação, de diálogo e de escuta das crianças. As pesquisas rompem com a ideia de Roda de Conversa como prática rotineira, centrada na figura do(a) professor(a), na qual pouco se ouve a criança, desconsiderando seus dizeres, suas necessidades de falar e de ser ouvida. Para De Angelo (2011, p. 63), esse momento é considerado um espaço que possibilita o exercício democrático da linguagem, sendo a criança um “sujeito de voz, na relação dialógica com o outro”.

Para Alessi (2011), a infância precisa ser considerada como um tempo de diálogo, por isso, em sua pesquisa, aponta a necessidade de se viabilizar a interação entre as crianças e com o adulto, permitindo a elas a expressão de suas ideias, manifestação de seus pontos de vista e a riqueza dos seus enunciados.

Considerada por Oliveira (2015) como espaço potente e de construção identitária, a Roda é, antes de tudo, lugar de encontro e de experiência. De acordo com a pesquisadora, a palavra possibilita o exercício democrático de encontro, de pensar e poder ser mais.

Acreditamos que, por meio das conversas, diálogos e narrativas das crianças, podemos captar e criar possíveis experiências que surgem, nesse momento, como um campo fértil para a escuta e abertura para a construção de sentidos pelas crianças.

Além disso, a Roda de Conversa possibilita a nós, professores(as), a aproximação das linguagens de mais interesse das crianças, demonstrando-nos os meios e

³ A hora da “conversa na roda” (FREIRE, 1983).

entremeios mais utilizados por elas para teorizar e compreender o mundo; assim aconteceu no caso dessa turma, que, mediante as experiências e interações entre as crianças na Roda, percebeu-se o grande interesse e intimidade delas pelo desenho, sendo esta uma das linguagens infantis de maior expressividade no grupo. Com isso, passamos a pensar, planejar e garantir diferentes materiais, suportes, riscadores e espaços que explorassem e possibilitassem a expressão de tal linguagem.

A partir da Roda de Conversa em grande grupo e em pequenos grupos, pois as crianças também se reúnem em pequenos grupos para conversar, novos interesses podem surgir. É possível, então, que as experiências pensadas pelo(a) professor(a) sejam repensadas e realocadas para dar espaço a um novo emergente, sendo a criança considerada, de forma plena, como o centro do planejamento.

Pudemos vivenciar isso quando, após termos percebido o interesse das crianças sobre as mudanças do tempo, no período chuvoso⁴, assunto que teve origem na roda de conversa, constatamos que um novo assunto surgiu, as crianças lançaram novas hipóteses e interesses sobre medos e sonhos, oriundos sempre de suas percepções de que, por conta das chuvas, o céu ficava mais escuro, dando-lhes medo, apreensão e relação com os sonhos que elas tinham durante a noite.

Assim, a partir dessas questões e relações que as crianças traziam nas rodas, não agimos de forma indiferente e buscamos valorizar e explorar, a partir do diálogo e da curiosidade, as questões apresentadas por elas, registrando sobre as experiências compartilhadas por meio de diário de bordo, como podemos notar neste registro escrito desse momento:

Já começou a quadra chuvosa, e as crianças reclamam de todos os dias o céu estar escuro e com muita chuva. Alguns dias, elas fazem o percurso de suas casas até a escola sob chuva, e falam o quanto é chato ficarem molhadas. Assim, a temática climática do momento e todas as suas consequências sinestésicas, seja o olhar para o céu e percebê-lo mais escuro, sentir os pingos de chuva pelo corpo, lembrar de sonhos como uma escuridão, relatar pesadelos, expressar seus medos, estavam aguçando em todos nós questionamentos e necessidades de expressão sobre tudo isso que estávamos vivenciando (Anotações do caderno de registro 10/02/2020).

Com essas percepções em nossas manhãs, na sala do Infantil IV, foi necessário darmos continuidade e amplitude para as construções conceituais provindas de suas narrativas por meio de outras linguagens, possibilitando a materialização dos sentidos atribuídos pelas crianças à chuva, ao medo e à escuridão, nesse caso, por meio da linguagem do desenho.

⁴ Nos meses de fevereiro a maio ocorre a quadra chuvosa no Ceará, um período caracterizado por chuvas intensas acompanhadas de raios e trovões. O fenômeno climático chama a atenção das crianças e é motivo de curiosidade e assunto nas rodas de conversa.

Assim, os planejamentos pedagógicos posteriores para a turma contemplaram a ampliação e expressão sobre as hipóteses e conhecimentos que vinham sendo construídos sobre as temáticas mencionadas acima. Em seguida, outra anotação do diário de bordo:

Os momentos dialógicos oportunizados pelas rodas de conversa são chances únicas de colher informações, interesses e questionamentos das crianças, concedendo aos professores um material fértil que os ajudará em construções e ações pedagógicas baseadas nos reais interesses das crianças, dando voz e vez a elas.

Dentre tantos assuntos originados nas falas das crianças, um chamou atenção: o medo. Como na época estávamos na estação chuvosa, Fortaleza, nossa cidade, acaba tendo instabilidade em seu tempo atmosférico, mudando de sol firme para céu nublado ou para chuva.

Em uma manhã chuvosa, por causa do céu mais escuro, as crianças, na roda de conversa, fizeram uma comparação entre a escuridão e o medo, lembrando ainda alguns sonhos que tiveram durante a noite. Com o intuito de capturar esses medos e explorar os conceitos e reflexões sobre este assunto, pedi aos pequenos que desenhassem o que eles pensam sobre “o que é ter medo?”. Todos desenharam algum retrato pessoal em torno de tal questão (**Anotações do caderno de registro 18/02/2020**).

A seguir, partilhamos os desenhos das crianças acompanhadas de suas narrativas orais sobre o medo:

Figura 1 – Desenho de Raquel, 4 anos e 4 meses (2020)



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No desenho acima (Figura 1), a criança Raquel⁵, de 4 anos e 4 meses, relata, enquanto desenha o seu medo, narrando a seguinte frase: “Eu tenho medo do mar, eu não gosto do mar que tem muitas ondas”. Em conversa com ela, Raquel afirma dizendo que só vai à praia com a mãe dela, e que, quando vê ondas muito grandes, ela sai correndo. Sua narrativa demonstra o quanto o ato de narrar e desenhar possibilita ao ser, seja criança ou adulto, a expressão de detalhes, sentimentos, experiências e histórias da sua vida, tendo essas linguagens um papel importante para o desenvolvimento integral dos meninos e meninas.

⁵ Os nomes das crianças são fictícios, com o intuito de preservar suas identidades.

Figura 2 – Desenho de Artur, 4 anos e 4 meses (2020)



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nesse segundo desenho (Figura 2), Artur, de 4 anos e 4 meses, diz: “Aqui é uma casa andando, e no meio são os olhos da casa”. Enquanto desenhava, ele nos dizia o quanto tinha medo de dormir sozinho, porque, com os barulhos que ele escutava quando acordava de madrugada, parecia que a casa estava viva e andando, e ele não queria ver os olhos dela. O relato de Artur, como o das outras crianças, centra-se nas suas percepções sobre as relações com a vida, seja na escola, seja em casa ou seja no mundo lá fora, oportunizando termos acesso aos seus conceitos e sentidos sobre sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Figura 3 – Desenho de Tainá, 4 anos e 10 meses (2020)



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Com o desenho de Tainá (Figura 3), de 4 anos e 10 meses, deparamo-nos com a capacidade imaginativa e criadora da criança (LOWENFELD; BRITAIN, 1970), em que o real e o imaginário se relacionam de forma conjunta, um atribuindo sentido ao outro, pois ela diz: “Eu fiz uma aranha, porque ela é uma bruxa e é um babau”⁶.

Assim, a aranha, animal real, desperta um medo e um sentimento que se assemelha a uma bruxa e a um fantasma, personagens fictícios. Essa situação

⁶Expressão regionalista que significa o mesmo que bicho-papão.

comparativa ajuda a Tainá a manifestar como ela sente o seu medo, pois, com o desenho, ela consegue materializá-lo; e, com a narrativa, ela consegue descrevê-lo.

Figura 4 – Desenho de Gabriel, 4 anos e 8 meses (2020)



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Já com seu desenho, Gabriel, de 4 anos e 8 meses, relata: “Aqui é uma sombra de parede, e eu tenho medo dela”. Percebemos uma relação entre um fenômeno natural, que é a sombra, e o medo que é despertado sobre ele por meio da escuridão que vem da sombra. Foi muito interessante observar e conversar com ele enquanto desenhava, pois vimos o quanto a criança se esforçou em demonstrar, no desenho, a “sombra de parede” sobre ele, podendo vê-lo no papel como se estivesse “encurralado” por ela.

Figura 5 – Desenho de Carlos, 4 anos e 4 meses (2020)



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Por último, o desenho de Carlos, de 4 anos e 4 meses, que narra: “Olha o bicho papão aqui. Aqui é quando ele sai, porque minha mãe está dormindo”. Como a Tainá, Carlos traz a figura de um personagem fictício para externar o seu maior medo, travando uma relação de temporalidade em que o “bicho papão” só aparece quando ele está acordado e sua mãe já está dormindo. Também vemos, como na narrativa de Raquel, o papel da mãe como uma figura real que representa segurança, conforto e cuidado.

Assim, podemos perceber a singularidade de sensações e emoções que são despertadas e materializadas no desenho, ou seja, com o papel e o lápis, é possível concretizarmos, no mundo exterior, o que experienciamos, vivemos e guardamos dentro de si, trazendo nossos conhecimentos, hipóteses e fragmentos das nossas vidas.

Desse modo, com o relato documentado e os desenhos cultivados, tratados e tornados visíveis aqui, podemos constatar a potência narrativa, criativa e imaginativa das crianças que, motivadas pelo diálogo traçado na Roda de Conversa, lançam mão de suas hipóteses, medos, vivências, experiências e de seus modos de compreender e se relacionar com o mundo, dando-nos uma riqueza narrativa plástica e oral, cuidada e visibilizada pela documentação pedagógica.

Ainda é importante destacar a valorização da fala infantil e o quanto nós, professores(as), devemos nos ater aos indícios afirmativos que as crianças nos apresentam, suas experiências e os itinerários daquilo que já conhecem e querem conhecer. Todo desenho é uma narrativa gráfica que carrega em si um processo vivo, permeado pela experiência da criança, é como um “frame” do vivido. Portanto, a leitura do adulto sem a narrativa oral da criança em diálogo com a representação gráfica, em boa parte das vezes, é parcial e arbitrária.

Cabe ao(à) professor(a) compreender essa complexidade e não desvalorizar esses conhecimentos em detrimento de planejamentos fixos, mas sendo flexíveis, atentos(as) e curiosos(as) para o que dizem as crianças. Dando espaço para a voz e vez delas, corroborando, assim, para uma educação infantil participativa e democrática.

DAS RODAS DE CONVERSA AO DESENHO INFANTIL: O PROCESSO DA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO PRÁTICA TESTEMUNHAL DAS NARRATIVAS E DOS PENSAMENTOS DAS CRIANÇAS

Para iniciar esse diálogo, é fundamental refletirmos sobre a importância da escuta da criança, pois é por meio das falas, gestos e expressões desse sujeito potente, ativo e criativo, que nós, professores(as), podemos pensar em práticas que contemplem os interesses e as necessidades das crianças e construir uma ação pedagógica mais sensível, afetiva e significativa em torno de sua realidade.

Para isso, é necessário firmarmos um compromisso com uma pedagogia da escuta, por esta possibilitar uma conexão relacional entre os sujeitos, respeitando as suas subjetividades e integrando-os no mundo (RINALDI, 2014). É a partir dessa estrutura que acolhemos as “[...] com linguagens, mil linguagens, símbolos e códigos com que nos expressamos e comunicamos, com que a vida se expressa e comunica a quem sabe escutá-la” (RINALDI, 2014, p. 82). Assim, estaremos disponíveis para receber as diferenças e desenvolver uma sensibilidade para escutar o outro e ser escutado. Seguindo essa compreensão, entenderemos que

as crianças escutam a vida em cada forma, cor, e escutam os outros: os adultos e os da mesma idade. Elas percebem rapidamente como o ato da escuta – isto é, observar, mas também tocar, cheirar, saborear, procurar – é fundamental para a comunicação. As crianças são biologicamente preparadas para comunicar, estar em relação, viver em relação (RINALDI, 2014, p. 82).

Quando os(as) professores(as) se disponibilizam a escutar as crianças e suas infâncias, podem observar e descobrir os múltiplos processos singulares e plurais que ocorrem no contexto tecido na escola, tendo abertura para encontrar as experiências, os lugares e os lugarejos que se constituem em tal ambiente (NIGRIS, 2014).

Desse modo, os docentes devem encontrar meios de acesso às crianças de forma a: 1) respeitar as suas particularidades; 2) potencializar os seus diferentes modos de se comunicar e se expressar; 3) valorizar a cultura infantil e as suas múltiplas linguagens; 4) oferecer suporte cultural; e 5) maravilhar-se com as ações dos meninos e meninas (GOBBI; PINAZZA, 2014).

Nesse cenário, a arte, as narrativas e as diferentes linguagens provenientes dela possibilitam aos pequenos um leque diverso para que eles encontrem caminhos sensíveis de compressão e expressão de si com o outro e com o mundo, ofertando uma interação constante e acumulativa (GOBBI; PINAZZA, 2014).

No caso do desenho, linguagem em foco neste trabalho, é uma das possibilidades encontradas pela criança para criar meios intencionais de comunicação, além de um caminho que ela encontra para solucionar problemas, representando sentidos e significados únicos (STACCIOLI, 2014).

Essa linguagem ainda possibilita à criança experienciar a capacidade de designar, atribuindo os seus modos singulares de compreensão, de hipóteses e de teorias sobre tudo, por isso é fundamental que nós, professores(as), criemos intimidade sobre o desenho, buscando conhecer mais sobre o desenvolvimento gráfico infantil (ALBANO, 2013).

Nas narrativas orais que surgiram na roda de conversa e nos desenhos, as crianças criaram sentido sobre as coisas do mundo e o que as rodeia, simplesmente e criativamente narraram a vida!

Os desenhos referenciados revelaram o potencial do ato de criação da infância. Segundo os estudos de Vigotski (2018, p. 108), “ao desenhar, a criança transmite no desenho o que sabe sobre o objeto, e não o que vê”. Portanto, uma linguagem na qual predomina a criação na primeira infância. Enquanto desenhavam, elas realizam narrações gráficas sobre o objeto representado, ou seja, a linguagem, o movimento corporal e a imaginação acompanham as ações e as produções da criança.

Ainda segundo as ideias do autor, toda forma de relação do ser humano no mundo e com o outro é sempre uma atividade mediada. Dessa forma, a linguagem, o desenho, a brincadeira são elementos importantes para a mediação simbólica e para compreendermos a expressão do pensamento infantil.

Derdyk (2014, p. 129) corrobora com essa discussão dizendo: “o desenho é, sobretudo, construção do pensamento”. A autora ressalta ainda que se torna imprescindível pensar nos modos de apropriação dessa importante linguagem desde a mais tenra infância, por ser essa linguagem reveladora das singularidades das crianças (expressas por meio de seus traços!) e da subjetividade humana.

Há que se considerar também que o desenho é uma linguagem original, que nasce espontaneamente e antecede a escrita enquanto linguagem na infância, sendo a escrita um código que precisa ser aprendido para que a criança tenha autonomia para se expressar.

Por isso é tão importante que as crianças desenhem, narrem e apreciem seus desenhos e os de outras crianças, oportunidade para os adultos que cuidam e educam as crianças, sejam eles(as) professores(as) e/ou familiares, que possamos conhecer mais sobre o ato criador e narrativo das crianças.

Compreendendo mais acerca dessa capacidade criadora, estética, afetiva e sensível que o desenho possibilita, poderemos exercer e oportunizar em nossas propostas pedagógicas na educação infantil ações que visem à exploração e ao exercício do princípio estético, pois este diz respeito: “à valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2009a, p. 8).

Como referendado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009b), é fundamental que nas propostas pedagógicas das instituições de educação infantil e no desenvolvimento das práticas pedagógicas, professores(as) contemplem experiências que oportunizem a sensibilidade, a criatividade e a liberdade de expressão das crianças.

Segundo Ostetto (2017), as propostas pedagógicas, construídas nas instituições de educação infantil, precisam ser permeadas pelos princípios ético, político e estético, pois, segundo as reflexões da autora, o estético não se relaciona apenas ao campo artístico, mas a estarmos abertos(as) à experiência, a outros modos de conhecer, acompanhar, dialogar e escutar as crianças.

Ainda segundo as reflexões da autora,

quanto mais professoras e professores estiverem disponíveis para acompanhar as crianças na sua curiosa expedição de reconhecimento e interação com tudo que as cerca, dando valor para as coisas que procuram, pegam, experimentam, dizem, inventam, propõem, tanto mais poderão pensar e encaminhar situações que alimentem seu processo criativo, que enriqueçam o desenvolvimento de suas linguagens. Tanto mais seguirão pelas veredas do princípio estético, respeitando-o (OSTETTO, 2017, p. 59).

O desenho é uma dessas linguagens, pois possibilita o exercício da estesia, é liberdade de expressão e do que pensam as crianças sobre o mundo à sua volta. Possibilita, ainda, a escuta sensível para com a criança, por isso é de extrema importância que o(a) professor(a) observe e esteja atento(a) às expressões das crianças no cotidiano de creches e pré-escolas.

Desse modo, a documentação pedagógica é uma estratégia para a construção do conhecimento praxiológico, indo além de um meio de registro e/ou de comunicação, transformando, assim, as relações internas tecidas pelo sistema escolar e reposicionando adultos e crianças no processo educativo (FOCHI, 2019).

Assim, a documentação pedagógica possibilita tornar visível a expressão das linguagens e as aprendizagens das crianças, sejam narradas ou desenhadas, sejam musicalizadas ou dramatizadas, sejam pintadas ou brincadas, pois se constitui como

[...] traços/documentos capazes de testemunhar e de tornar visíveis as modalidades da aprendizagem individual e de grupo, capazes de garantir ao grupo e a cada criança individualmente a possibilidade de observar-se de um ponto de vista externo enquanto aprende (tanto durante quanto após os processos) (RINALDI, 2014, p. 85).

Desse modo, professores(as) podem acessar, acompanhar e compreender os processos de aprendizagem que ocorrem no contexto escolar, tornando visíveis os conhecimentos e as compreensões infantis de forma respeitosa, singular e democrática, exercitando um olhar que valoriza os materiais, os espaços, os processos e os procedimentos para/com as crianças (RINALDI, 2014).

Por isso, o processo documentativo possibilita a nós professores(as) uma “[...] fecunda relação entre as linguagens poéticas e pedagógicas, que é testemunhada pela forma particular de observação e documentação didática dos processos” (VECCHI, 2017, p. 33). Dessa maneira, é com o documentar que, além de vermos a produção de conhecimento e sentido das crianças, testemunhamos, também, o trabalho, a ação e o fazer pedagógico dos docentes, traçando uma relação de horizontalidade entre os adultos com as meninas e meninos, entre a pedagogia e as infâncias.

Assim, a documentação pedagógica tem como perspectiva um olhar sensível sobre o que acontece nas escolas da infância, e os(as) professores(as) devem ter um

“[...] modo de olhar, de refletir, de fazer, de pensar e de comunicar o cotidiano pedagógico e as aprendizagens das crianças e dos adultos” (FOCHI, 2019, p. 13-14), sendo fiel aos protagonistas que criam e se manifestam, nesse caso, na educação infantil, valorizando o que é construído na rotina das creches e pré-escolas.

Outro aspecto importante da documentação pedagógica é que, com esses recursos, podemos usar diferentes formas de registrar (fotografia, anotações, vídeos, áudios, desenhos, entre outros) e eternizar momentos que ocorrem no dia a dia da escola, gerando e tornando visível a cultura desse espaço, mostrando as particularidades que são tecidas nos ambientes internos e externos da educação infantil, e apresentando os materiais e recursos significados e ressignificados pelas crianças em parceria com os adultos (professores(as) e assistentes).

Dessa maneira: “O que aconteceu é reconstruído, interpretado/reinterpretado por meio de documentos que testemunham as etapas marcantes de um percurso predefinido pela professora, isto é, o percurso que tornou possível o alcance dos objetivos” (RINALDI, 2014, p. 80).

É por meio desse tipo de documentação que conseguimos compreender os meios, os instrumentos e os métodos utilizados na construção do conhecimento, a partir de uma interpretação e reinterpretação do que ocorreu, não vislumbrando resultados, mas focando em cada momento construído entre os sujeitos das ações.

Assim, o que foi documentado não se configura a um fim, mas a um começo e recomeço dos processos de aprendizagem que ocorrem entre todos os participantes no espaço-tempo da educação infantil, pois “[...] os materiais são recolhidos durante a experiência, mas a leitura e a interpretação deles acontecem no final do percurso. A releitura e a reevocação da memória são, portanto, posteriores” (RINALDI, 2014, p. 80).

Por isso, em cada processo da documentação pedagógica nenhuma compreensão e interpretação está fechada, pois o adulto rememora e organiza os momentos da experiência construídos entre ele e a criança, mas é de fundamental importância que se escute as próprias percepções desta sobre os registros documentados, levando em consideração o seu ponto de vista, não só no “final”, mas durante todo o processo.

Desse modo, podemos perceber que os diálogos travados com as crianças nas rodas de conversas, a continuidade e ampliação da discussão sobre a temática da chuva e do medo, as anotações das percepções das crianças durante os dias, a experiência gráfica motivada pela temática que envolve o medo e as falas oriundas do momento do desenho corroboram um processo de documentação pedagógica, que teve como norte, a

todo o momento, a narrativa oral e o desenho como expressões linguageiras importantes para escutar e oportunizar, de forma dialógica e legítima, as anunciações da infância no espaço da educação infantil.

NARRATIVAS FALADAS E DESENHADAS QUE NOS CONVIDAM A CAMINHAR COM AS INFÂNCIAS

É na escuta que construímos pontes de diálogo com o outro e conosco, pois é fundamental que encontremos meios para que todos os sujeitos tenham voz e vez. Assim, é sempre importante reforçarmos a criação de contextos em que a troca com o outro seja sempre oportunizada, como no caso da roda de conversa, que se constitui como um espaço dialógico, participativo e de exercício dos princípios ético e político, lugar de encontro entre crianças e adultos e de escuta à diversidade de narrativas.

A experiência relatada neste artigo teve grande importância: visibilizar as narrativas orais e gráficas, bem como o pensamento que brota nas falas dos meninos e das meninas, de sua potência imaginativa e conhecimento sobre o mundo físico, social, ao tempo e à natureza.

Ao se posicionarem como sujeitos participativos e narradores, as crianças comunicam ideias e pensamentos, criam teorias e hipóteses sobre o que as cercam. Um convite que as crianças fazem ao(a) professor(a): maravilhar-se, encantar-se com suas teorias, a caminhar com elas e com suas infâncias e, assim, tornar-se professor(a) escutante, parceiro(a), pesquisador(a), que observa e projeta a partir das ideias e conhecimentos que as crianças trazem para o cotidiano de creches e pré-escolas.

A partir do desenho infantil, linguagem artística/gráfica, observamos a potência e a expressão legítima da criança; quando estas são documentadas e refletidas pelo(a) professor(a), podem democratizar para as próprias crianças, famílias e comunidade o que ocorre na escola. Assim, é fundamental que saibamos “escutar-ver” os desenhos das crianças com base na empatia que não julga, não compara, não mede e aceita o outro incondicionalmente (BARBIER, 2002).

Essa postura constituiria a prática do “desenho escuta” – a escuta sensível dos adultos de referência para/com a criança, que se fazem presentes durante o processo de elaboração das suas narrativas plásticas, como os familiares e, especialmente, os(as) professores(as) (GOLDBERG; FROTA; SALES, 2021).

É fundamental que os(as) professores(as) da educação infantil mergulhem em uma prática docente que valorize e esteja atenta às particularidades e à multiplicidade

de linguagens que as crianças utilizam para se inserir, compreender e se vincular ao mundo.

Desse modo, como constatamos com esta pesquisa oriunda de uma documentação pedagógica, há uma potência educativa e reflexiva presente na roda de conversa. Assim, por meio da tessitura dialógica gerada entre crianças e professores(as), podemos criar variadas trilhas de vivências e experiências na educação infantil. Ainda com o desenho, podemos externalizar e materializar o que sentimos e o que vivemos, trazendo à tona nossa criatividade, nossa imaginação e nossa própria história de vida.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ALESSI, Viviane Maria. **Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin**. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes%20m2011/m2011_Viviane%20Maria%20Alessi.pdf. Acesso em: 9 mar. 2023.

ARAÚJO, Janice Débora de Alencar Batista. **“Tia, deixa eu falar!” Os sentidos atribuídos por crianças da pré-escola à Roda de Conversa em um Centro de Educação Infantil do município de Fortaleza**. 2017. 239 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/29096/1/2017_dis_jdabaraujo.pdf. Acesso em: 9 mar. 2023.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília, DF: Editora Plano, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 242, p. 18-19, 18 dez. 2009b. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=18&data=18/12/2009>. Acesso em: 1 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 20/2009, de 11 de novembro de 2009. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 14, 9 dez. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 maio 2020.

DAHLBERG, Gunilla. Documentação pedagógica: uma prática para a negociação e a democracia. *In*: EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George; GANDINI, Lella. (orgs.). **As**

cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. v. 2, p. 229-234.

DE ANGELO, Adilson. O espaço-tempo da fala na Educação Infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. *In*: ROCHA, Eloísa A. C.; KRAMER, Sonia (org.). **Educação Infantil**: enfoques em diálogo. São Paulo: Papyrus, 2011. cap. 3.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DERDYK, Edith. Papel em branco. *In*: GOBBI, Márcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (org.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014. cap. 6.

FOCHI, Paulo Sérgio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico**: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. 2019. 346 f. Tese (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2019b. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25072019-131945/publico/PAULO_SERGIO_FOCHI_rev.pdf. Acesso em: 11 mar. 2023.

FOCHI, Paulo Sérgio. **Mini-histórias**: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019a.

FORTALEZA. Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza. **Proposta Curricular para a Educação Infantil de Fortaleza**. Fortaleza: SME, 2020. Disponível em: https://educacao.sme.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&layout=edit&id=117. Acesso em: 26 jun.2023.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOBBI, Márcia; PINAZZA, Mônica. **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

GOLDBERG, Luciane Germano; FROTA, Ana Maria Monte Coelho; SALES, Ana Caroline Sales. Contribuição da prática do "desenho escuta" para pesquisa (auto)biográfica com crianças. *In*: Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, 7., 2021, Natal. **Anais** [...]. Natal: UFRN, 2021.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MELLO, Sylvia Leser; FREIRE, Madalena. Relatos da (con)vivência: crianças e mulheres da Vila Helena nas famílias e na escola. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 56, p. 82-105, fev. 1986. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/1485.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023.

NIGRIS, Elisabetta. A didática da maravilha: um novo paradigma epistemológico. *In*: GOBBI, M.; PINAZZA, M. (org.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

OLIVEIRA, Glenda Matias. **No descomeço era o Verbo**: um convite a Manoel de Barros para a roda de conversa na Educação Infantil. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18457/1/2015_GlendaMatiasdeOliveira.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Sobre a organização curricular da Educação Infantil: conversas com professoras a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 19, n. 35, p. 46-68, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2017v19n35p46>. Acesso em: 3 mar. 2023.

RINALDI, Carla. Documentação e avaliação: qual a relação? *In*: ZERO, Project. (org.). **Tornando visível a aprendizagem**: crianças que aprendem individualmente e em grupo. São Paulo: Phorte, 2014. p. 80-91.

STACCIOLI, Gianfranco. Os traços invisíveis nos desenhos das crianças. *In*: GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato. **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014. cap. 5.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. O desenhar na infância. *In*: VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018. cap. 8, p. 105-128.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

DAS RODAS DE CONVERSA AO DESENHO INFANTIL: A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO PRÁTICA TESTEMUNHAL DAS NARRATIVAS GRÁFICAS E ORAIS COM CRIANÇAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM FORTALEZA-CE

From conversation circles to children's drawing: pedagogical documentation as a testimonial practice of graphic and oral narratives with children in a public school in Fortaleza-CE

Janice Débora de Alencar Batista Araújo

Mestra em Educação
Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós-graduação em Educação
Fortaleza, Brasil

janicedebora7@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5454-8563>

Leandro da Silva Pereira Junior

Graduado em Pedagogia
Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós-graduação em Educação
Fortaleza, Brasil

leandrolspj@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2531-0545>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Eusébio de Queirós, 1591, 60421-102, Fortaleza, CE, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecer às crianças que foram as principais narradoras que possibilitaram a construção deste manuscrito.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: J. D. Araújo, L. Pereira-Junior, L. Goldberg.

Coleta de dados: L. Pereira-Junior,

Análise de dados: J. D. Araújo, L. Pereira-Junior.

Discussão dos resultados: J. D. Araújo, L. Pereira-Junior, L. Goldberg.

Revisão e aprovação: L. Goldberg

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 17-05-2023 – Aprovado em: 06-10-2023